

Governo prepara o

nomia

O ESTADO DE S. PAULO — 25

“Plano de Verão”

Aperto monetário e desindexação são duas medidas que devem fazer parte do pacote

O governo prepara um pacote econômico para o início do ano. A proposta deste “plano de verão” deverá ser levada aos integrantes do comitê dirigente do pacto social, na reunião programada para o dia 11 de janeiro. Empresários e trabalhadores deram o “sinal verde” para esta ação do governo no encontro de quarta-feira, quando exigiram “medidas duras e ambiciosas” de combate à inflação. Fontes do Planalto asseguraram que, entre as providências em estudo, estão um forte aperto monetário e algum tipo de desindexação. O mais provável é a prefixação dos índices de correção de preços e salários em níveis bem mais baixos do que os acertados até agora entre os participantes do pacto.

“O governo não tem mais desculpa. Os empresários e os trabalhadores que sentam à mesa de negociações pediram um programa. Se o governo não fizer, vai ficar desmoralizado”, adverte o economista Francisco Vidal Luna, da Faculdade de Economia e Administração da USP e sócio do ex-ministro João Sayad no escritório de consultoria e participações SRL. “Todo mundo tem consciência de que é preciso empurrar a economia com a barriga pelo menos até as eleições presidenciais”, opina Luís Carlos Mendonça de Barros, sócio da corretora Planibanc e ex-diretor do Banco Central.

SEM GRADUALISMO

Os medíocres resultados obtidos com o pacto social é que precipitam a imposição desse pacote. Afinal, a perspectiva é de uma inflação da ordem de 28% em dezembro e mais de 30% em janeiro, frente a índices de correção de preços “tabelados” em respectivamente 25% e 24,5%. “Com uma inflação nessas alturas, o controle gradual

não funciona”, sentencia o ex-ministro Luis Carlos Bresser Pereira. O próprio governo teria se convencido de que, nesse quadro, também arcaria com pesadas perdas: obviamente, as empresas públicas devem se manter dentro das regras do pacto e, com preços e tarifas corrigidos abaixo da inflação, seu déficit aumenta cada vez mais.

REAL OU PRIMAVERA?

Há quem diga que na reunião da quarta-feira só não ocorreu uma ruptura porque o governo emitiu sinais claros de que prepara uma intervenção cirúrgica na economia. Os representantes da Fiesp, que na véspera abriram fogo contra a política do Conselho Interministerial de Preços (CIP), aceitaram a manutenção provisória do índice de reajuste de preços fixado para janeiro (24,5%) — aparentemente, com a promessa de que, desta vez, o governo vai mesmo cortar fundo as despesas públicas. O sindicalista Luiz Antonio Medeiros, que ameaçou sair do pacto se o governo continuar paralisado, estaria simplesmente dando aval a um novo choque econômico.

Entretanto, se há quase um consenso quanto à iminência de um novo pacote, há várias dúvidas quanto a sua natureza. Na opinião de Vidal Luna, pode ser algo tanto na linha do Cruzado quanto do Plano Bresser, ou até o próprio Plano Real. Paulo Guedes aposta num programa parecido com o Plano Primavera, da Argentina, que determinou a livre negociação dos salários e a limitação dos reajustes de preços em até 5% ao mês, em agosto e setembro. O economista Mário Henrique Simonsen, que há uma semana defendia fixação de metas mensais de inflação, com redução de três pontos percentuais a cada 30 dias, agora já acredita na possibilidade de uma redução ainda maior. “O governo só não pode extinguir a correção monetária, pois isso ajudou a acabar com o Plano Cruzado”, recomenda Joaquim Elói Cirne de Toledo, da USP.